

Ser deficiente é um problema?

Gervásio Robledo Rodrigues
Paulo Roberto Brancatti

Como citar: RODRIGUES, G. R.; BRANCATTI, P. R. Ser deficiente é um problema? *In:* MANZINI, E. J. (org.). **Integração do aluno com deficiência:** Perspectiva e prática pedagógica. Marília: Unesp Marília Publicações, 1999. p. 125-140. DOI: <https://10.36311/1999.978-85-86738-07-7.p125-140>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-No comercial-Sin derivados 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

SER DEFICIENTE É UM PROBLEMA?¹

Cervásio Robledo RODRIGUES²

Paulo Roberto BRANCATTI³

Início

Vim ao Mundo no dia 26 de março de 1.965, na cidade de Jales-SP. Nasci com o peso de três quilos e trezentos gramas e aparentava ser uma criança normal.

Minha mãe chama-se Marta e meu pai chama-se Gervásio. Desde que nasci minha mãe percebeu em meu corpo físico e no meu raciocínio algumas deficiências, principalmente depois que completei cinco meses de idade.

Como sempre fui uma criança muito saudável, meu pai sempre relutou em aceitar que eu tivesse deficiências.

Então minha mãe foi procurar ajuda do meu padrinho Oscar, que convenceu meu pai acerca dos meus problemas.

Posteriormente, meus pais me levaram num dos maiores especialistas desta área, o Dr. Antônio Lefèvre, Neurologista da Capital de São Paulo-SP, Professor da USP, que deu o seguinte diagnóstico sobre o meu caso: Problema congênito no desenvolvimento do hemisfério esquerdo do cérebro. Acarretou-me os seguintes distúrbios: Dificuldade no desenvolvimento mental (no raciocínio) e dificuldade no desenvolvimento de todo o lado direito do corpo físico, principalmente

¹ Trabalho final apresentado no Curso de Especialização em Educação Especial – Unesp/Proesp/Capes, 1997/98.

² Gervásio Robledo Rodrigues é portador de deficiência múltipla (deficiência auditiva e paralisia cerebral), formado em Magistério, Técnico Contabilidade, Educação Física (UNESP Presidente Prudente-SP) e atualmente seguindo a carreira em Educação Especial.

³ Docente do Departamento de Educação da Faculdade de Ciências e Tecnologia - Unesp - Campus de Presidente Prudente.

nos músculos e nos ossos; surdez total do ouvido direito e quarenta por cento apenas de capacidade auditiva no ouvido esquerdo; enorme dificuldade para falar, dicção imperfeita, devido a problema no centro de fala e deficiência auditiva; estrabismo no olho direito; atrofia acentuada e generalizada de todo o lado direito, dificultando sobremaneira toda movimentação e coordenação motora de todos os membros, braço, antebraço, mão, coxa e pé; agenesia do corpo caloso. Nasci sem a ligação dos hemisférios cerebrais.

Infância

Para desenvolver a coordenação motora sempre tive muito brinquedos e materiais pedagógicos.

Desde a mais tenra idade, em minha casa havia uma pequena piscina para que eu pudesse praticar natação. Quando fiquei maior comecei a freqüentar os clubes da cidade, que possuíam piscinas. Neste esporte cheguei a nadar dois mil e quinhentos metros seguidos, fruto de muito treinamento.

Algumas vezes, brincando no parque infantil da Associação Atlética Banco do Brasil, por falta de uma melhor coordenação motora pelo lado direito, escorregava nos brinquedos, machucava-me e acabava parando no hospital.

Lembro-me com muita saudade, da primeira escola que freqüentei devendo e muito a essa alma generosa da dona Eljácia, que hoje já se encontra na pátria espiritual.

No ano de 1.971 meu pai que era funcionário do Banco do Brasil foi transferido para Santa Fé do Sul-SP.

Nesta cidade comecei a cursar a primeira série escolar. Tive muita dificuldades para assimilar as matérias.

Meus pais então contrataram uma professora particular, com quem eu tinha também aulas todos os dias.

Na terceira e quarta séries eu tive um professor de nome Joaquim, que muito me ajudou não só pela competência, em matéria de

pedagogia e didática, mas também, pelo seu amor e carinho com que ensinava. Tenho gratas recordações de sua metodologia de ensinar.

Na quinta série com a gama enorme de matérias e para cada uma, um professor, tive uma dificuldade enorme de aprendizado, porque cada um falava de uma forma, e devido a minha dificuldade auditiva, acabei sendo reprovado nesse ano letivo.

No ano seguinte, meus pais providenciaram a aquisição de um aparelho auditivo bem mais sofisticado e potente, bem como, providenciaram novamente, uma professora particular para me acompanhar em todas as matérias, daí para frente, desenvolvi bem e logrei aprovação.

Na sétima série, por capricho de uma professora de Geografia fui reprovado, pois, segundo ela, eu não tinha condições de freqüentar a oitava série pelo fato de ter ido mal na prova de recuperação e argumentou no conselho da Escola, que eu não deveria ser aprovado.

No ano subsequente, com a ajuda de minha irmã Gislaine, que passou a me ajudar nos estudos, inclusive na oitava série, fui sempre aprovado.

Registre-se, que do ano de 1.970, quando tinha cinco anos até o ano de 1.977, recebia massagem no braço direito e na perna direita todos os dias úteis, com o Paulo, conhecido como Japonês.

Do ano de 1.978 a 1.982, comecei a receber massagem do fisioterapeuta, Dr. Cléver Caetano, que além de fisioterapeuta, era um grande amigo que muito me orientou em relação as dificuldades que um deficiente encontra na sociedade, aprendi e muito com ele.

Nessa altura o meu desempenho físico estava muito bom e conseguia jogar futebol com os funcionários do Banco do Brasil, na AABB local.

Agora já com dezesseis anos, comecei as minhas primeiras paqueras, de início como é muito natural, com muita timidez, mas gradualmente fui vencendo o medo e me soltando.

Conheci uma garota muito bonita por nome Sílvia, com quem tive uma amizade colorida muito forte, porém para infelicidade minha durou pouco, pois ela mudou-se da cidade.

Adolescência

Neste período de adolescência, como costuma acontecer apaixonei-me por uma garota de nome Clarinha. Tentava por todos os meios aproximar-me dela, porém, meus esforços eram em vão, isto levava-me ao desespero.

Até que um dia um colega de minha irmã Gislaíne por nome Carneiro, sugeriu que eu desse uma boneca de presente.

Atendi a sugestão, e no dia em que lhe dei a boneca de presente, acabei por lhe falar da minha paixão.

E qual não foi a minha tristeza, ela não me deu a mínima esperança, pois disse que tinha namorado e dele gostava muito.

Só me restou as sinceras amizades que possuía, como forma de consolo e que muito me ajudou esquecer-la.

Como tinha mesa de ping – pong em casa desenvolvi muito aprendizado deste esporte.

No colégio também havia mesa de ping – pong e através deste esporte granjeei novas amizades, principalmente na hora do recreio. Tornaram-se meus amigos o Rubinho filho de um médico oftalmologista, Henrique filho do agrônomo Sr. Lourival, Luciano filho de um funcionário do Banco do Brasil.

Com esta turma, nos dias de aula de Educação Física, depois da aula, nós íamos para o clube da AABB, jogávamos futebol, ping-pong, nadávamos, era realmente muito divertido e me sentia bem, relativamente integrado no grupo, apesar de todos os meus problemas.

Na adolescência, período em que se começa a definir a sua personalidade, revelar o seu verdadeiro caráter, as virtudes, defeitos e vícios se manifestam de forma patente, mas como já dissemos anteriormente, é o período das paixões, rápidas, porém, constantes.

Apaixonei-me novamente, desta vez pela Kite, uma menina muito bonita, de um sorriso cativante, minha colega de classe. Tivemos um rápido relacionamento, que me trouxe muita alegria e prazer.

Posteriormente, apaixonei-me pela Marcela, uma colega de classe baixinha, mas muito bonita e que tinha os olhos lindos e sempre brilhantes. Este relacionamento foi mais longo, pois quase sempre encontrava-me com ela na casa do meu amigo José Eduardo, filho do médico Dr. Flávio Guimarães. Entretanto, com o tempo este relacionamento também se esvaiu.

José Eduardo era o amigo com quem saía nos finais de semana. Íamos ao cinema e freqüentávamos a Lanchonete Rodão, ponto de encontro da juventude de Santa Fé do Sul. Ali era o local onde arrumávamos as namoradas e as paqueras. Convivemos pouco tempo, pois ele foi fazer o colegial na cidade de São José do Rio Preto.

Seqüencialmente tornei-me amigo do Fernando, uma das pessoas com a qual saía nos finais de semana. De certa feita, conhecemos duas irmãs, Simone e Sônia e fomos convidados para irmos à casa delas. Lá chegando serviram nos bebidas alcoólicas.

Embalado pela bebida, num determinado momento, fiz juras de amor à Sônia, que surpreendida, declarou "Gê" (meu apelido), a bebida o está deixando romântico, a coisa não é por aí, este nosso encontro é de amigos. No outro dia o efeito da bebida havia passado e a paixão também.

De certa feita fui à boate, que ficava próxima a minha casa, chamei uma garota para dançar, cujo nome não me recordo. Logo em seguida fui propondo namoro e ela topou. Ficamos enrolados vários meses, foi um relacionamento bom, no entanto fiquei encabulado porque desta vez não me apaixonei. Depois desfizemos o namoro e continuamos bons amigos.

Numa tarde, após o jogo de futebol, na Associação Atlética Banco do Brasil (AABB), havia um churrasco, com muito chope. Inventei de tomar uns copos juntamente com o Rubinho e o Henrique. Resultado, ficamos todos embriagados e levamos uma tremenda lição de moral de

nossos pais. Fiquei muito envergonhado e fiquei um mês de castigo sem sair de casa.

Vieram estudar em Santa Fé do Sul, para fazer o Colegial, a minha prima Ádria, filha dos meus tios Maria e Paulo e o Afonsinho, filho da Tia Geiza e Afonso, ambos de Riolândia. Afonsinho nasceu no mesmo dia que eu, só que um ano antes.

Eles ficaram três anos conosco. Foi uma convivência benéfica, aprendi muito com eles, apesar das pequenas divergências, coisa muito natural entre adolescentes. Na vida em conjunto temos que aprender a renunciar e sermos solidários.

Registre-se, que apesar de muita orientação de meus pais, meus irmãos, meus parentes, meus amigos, quase que inconscientemente, talvez devido as minhas deficiências, sempre discriminei-me, nos namoros, nas paqueras, nos relacionamentos, sempre fui rebelde e agressivo.... tem horas que até me questiono, será que era autodefesa?

Quando entrei para o primeiro colegial, meus primos foram embora, minha irmã Gislaine foi estudar em Uberlândia-MG e meu irmão Gesemberg em São José dos Campos-SP. Pensei cá comigo, agora não tenho ninguém para me vigiar, posso aprontar a vontade.

Nestas alturas, infelizmente, apesar de muito orientado pela família, pelos professores, nos finais de semana eu bebia cerveja e fumava. Os amigos de meus irmãos ameaçavam-me de contar-lhes, para que eles contassem a meus pais, porém eu não dava muito importância às ameaças.

Das aprontadas da adolescência, uma me marcou muito. Eu e Fernando numa determinada noite, resolvemos visitar um Terreiro de Umbanda. Para ver como eram os rituais e as danças. E lá chegando ouvimos pessoas dizendo estarem mediunizadas, recebendo pretos velhos, índios e caboclos, tomando pinga, fumando cachimbo e charutos, achamos muito interessante. De repente um dos dirigentes nos perguntou o que estávamos fazendo ali, neste instante, saímos correndo e pegamos nossas bicicletas, porém tanto a dele, como a minha deram

problemas. Ficamos assustados e com muito medo e não precisa dizer que nunca mais voltamos a visitar um Terreiro de Umbanda.

Vivi em Santa Fé do Sul-SP dos 6 aos 17 anos, ou seja, de 1.971 a 1.982. Nesta cidade passei a minha infância e adolescência. Apesar de todas as minhas deficiências, a população da cidade me ajudou na minha integração na sociedade. O deficiente por si só é problemático, pois as dificuldades de ordem moral podem ser usadas, alteradas, transformadas, melhoradas, porém, as de ordem físicas ele tem que conviver com elas e a discriminação é praticamente uma inerência ao próprio ser humano. Mas valeu, superei mais uma etapa da presente existência.

Mudando de vida

Meu pai já transferido para Remanso na Bahia, mais propriamente no Sertão Nordestino, entre o sul do Piauí e o norte da Bahia, onde sentia Gerente-Adjunto do Banco do Brasil.

Começavam as festas de despedidas que foram inúmeras, no Centro Espírita, na minha comunidade religiosa, cheguei chorar de emoção, ao ver que teria que deixar pessoas, colegas, amigos e amigas que tanto eu amava e prezava. Só uma coisa me consolava é que para querer bem e amar não há distância que separe quem ama sempre e quem ama renuncia.

Não resta a menor dúvida, que há muitos brasis, que o Brasil é um país continental. Em lá chegando, encontramos outro mundo, uma civilização completamente diferente. Hábitos, e costumes e até a própria pronúncia da língua.

O que estranhei e muito era que as vacas, carneiros, bodes, cabritos, cavalos e porcos andavam todos soltos na rua, freqüentando as praças, os jardins.

No entanto, o que me impressionou foi a receptividade do povo baiano. Conheci tantas pessoas que é humanamente impossível lembrar o nome de todas elas.

De início fiz amizade com um estagiário do Banco do Brasil chamado Jaime, que me apresentou mais uma infinidade de pessoas.

Fui matriculado no primeiro colegial no colégio da cidade. Fiz novas amizades com as jovens Carla e Vera, e ainda com o Carlos Filho, filho do Gerente do Banco do Brasil, colega do meu pai.

Aos poucos com muita dificuldade fui me adaptando à nova vida. Devido a minha surdez, tive enormes dificuldades para entender o que eles falavam.

Nos primeiros meses no Colégio fui bem nos estudos. Posteriormente comecei a “matar” aulas juntamente com o Carlos Filho, sem que nossos pais soubessem. Foi um desastre, perdemos o ano, fomos reprovados.

Na escola durante estas “matadas” de aulas começou rolar um clima, parti para o namoro com a filha do prefeito da cidade da época, tivemos enrolados um bom tempo.

No nordeste baile tem nome de festa. E festa lá é quase todos os dias principalmente nos finais de semana. E eu não perdia nenhuma. Onde havia festas, bailes, lá estava eu.

Em matéria de música os baianos são verdadeiros artistas. Os conjuntos musicais de Remanso eram de primeira linha. Tocavam excelentemente, fiz amizades com todos eles, pois era figurinha fácil em todos os bailes, em todas as festas.

Namorei muito, namorei tanto, que não consigo lembrar o nome de todas. Lembro da Letícia, da Ana Paula. Meu apelido era “Perigoso”, porque eu não namorava uma só, namorava várias ao mesmo tempo.

Conheci o Édson, que se tornou meu amigo e relatou que eu precisava conhecer a cidade de São Raimundo Nonato no Piauí. Que nesta cidade devido a migração dos homens para a Região Sudeste, havia cinquenta mulheres para cada homem. Achei um exagero a colocação, entretanto, quando lá cheguei, constatei que era verdade. E as mulheres além de bonitas, eram extremamente receptivas e agradáveis. Fiquei

encantado com o povo de São Raimundo Nonato-PI, fiquei tão encantado que não saía de lá. Voltei lá um monte de vezes. Arrumei muitas namoradas.

O Jaime e o Carlos Filho aprontavam algumas brincadeiras, com relação a mulheres, que eu não gostava e lhes chamava a atenção com veemência, até que eles pararam.

Num final de semana eu e o Silvano resolvemos ir num baile em Bom Jardim no Piauí. Quando tomamos esta decisão, já estávamos bem embriagados. Subimos na carroceria de uma camioneta e fomos. Como eu estava embriagado e de pé na carroceria, acabei caindo e não morri porque a estrada era de terra, se fosse asfalto talvez estivesse no mundo espiritual. Confusão maior ainda, perdi o meu aparelho de surdez, que deu o que fazer para encontrá-lo.

Chegando em Bom-Jardim o Delegado de Polícia de Remanso - o Saraiva - me emprestou dinheiro para que entrássemos no baile, pois não tínhamos nenhum tostão no bolso. Havia no baile muita gente de Remanso e todos vieram para nossa mesa e todos sem dinheiro. Pediram cerveja a vontade. Resultado, como o dono da festa sabia que eu era filho do Gerente-Adjunto, meu pai teve que pagar, não sem antes me dar uma tremenda lição de moral.

Estamos no início de 1.985, meu pai foi transferido para Belmonte-BA, como Gerente do Banco do Brasil. Belmonte, fica na beira do mar acima de Porto Seguro, Litoral Sul da Bahia.

Em Remanso-BA, vivi, dois anos e meio. A vida nesta cidade foi uma verdadeira festa, pouco aproveitei nos estudos, infelizmente aprendi a beber e fumar, vícios que só trazem prejuízos. Como foram festas em demasia não tive condições de avaliar a repercussão das minhas deficiências na minha vida diária.

Entretanto, não resta a menor dúvida que tive que vencer, novos desafios. Novas convivências, civilizações diferentes, muito aquém daquela eu vivia anteriormente, mas valeu uma experiência a mais na vida.

Assim que cheguei em Belmonte-BA, fui matriculado no Magistério. O diretor da Escola no primeiro dia de aula apresentou-me aos demais alunos da classe. Fiquei surpreso, pois na classe só havia um homem e comigo dois.

Passado alguns dias fiz amizade com a Daniela, uma mineira de Governador Valadares-MG, uma loira de olhos verdes, de rara beleza, encantei-me com ela.

Seus pais eram separados. Sua mãe vivia com outro homem, cujo apelido era “Manuel Boca Ligeira”. Eu freqüentava muito a sua casa, sua mãe costumava viajar. Um dia seu tio Fábio dentista pegou-nos na casa dela bebendo vodca com refrigerante e ficou muito bravo.

Fiz amizade com Wellington estagiário do Banco do Brasil, que namorava a irmã da Daniela e num determinado dia retornamos a casa delas e tomamos o que sobrou da garrafa de vodca. Foi um “fogo” homérico.

Com o tempo conheci a Pivete, a Márcia Tampinha eram as minhas leais e sinceras amigas e companheiras, principalmente nas bebedeiras.

Fiz amizade também com o Marreco, com o Jorge Mentirinha e com todo o pessoal do Banco do Brasil.

O meu irmão Berg era o vice-presidente da Associação Atlética do Banco do Brasil (AABB) e autorizava-me a levar pessoas que eu quisesse para freqüentar o clube isto facilitava muito o meu relacionamento com o pessoal da cidade.

Em Belmonte-BA, tornei-me apaixonar por uma moça de nome Noélia, que nada quis comigo, só amizade. Ainda bem, que a paixão de adolescência é rápida, da mesma forma que vem, ela vai...

Fico muito intrigado. Por que será que as pessoas que gostamos não dá certo o relacionamento e aquelas com as quais não simpatizamos se interessam por nós?

Vivi de 1.985 ao início de 1989 na cidade de Belmonte-BA, mais precisamente quatro anos. Nesta cidade aproveitei melhor parte de estudo e conclui o Magistério, tornei-me professor primário. O que foi de grande valia, pois hoje me encontro trabalhando.

No entanto, tenho que registrar pela própria natureza do povo nordestino, principalmente os baianos onde vivi mais de seis anos, por serem muito receptivos, ou talvez pela sua própria evolução, um povo simples e humilde, por problemas de nutrição e não muito propensos ao trabalho e revelando uma atração incrível por festas, diversões, distrações e esportes, não senti esse isolamento, pelo contrário tinha participação intensa e extensa na vida da sociedade. Mas uma experiência, mais um aprendizado na minha vida de deficiente que não é nada fácil.

Deixei muitos amores, que até hoje escrevo ou telefono, gratas recordações até hoje mexem com o meu coração. Sinto uma vontade imensa de lá retornar, mas este plano Real me impede.

Ano de 1.989 passei a residir em Regente Feijó-SP, para onde meu pai foi transferido.

Tornei-me amigo do Altair, Gerente-Adjunto da Agência do Banco do Brasil, um rapaz solteiro, com quem passei a sair nos finais de semana. Em pouco tempo havia feito muitas amizades.

Fiquei dois anos sem estudar. Como meu pai se aposentou e pretendíamos mudar para Santa Fé do Sul-SP, fiz vestibular para Educação Física naquela cidade e em 1991 logrei aprovação. Meu interesse em Educação Física começou desde criança, pois o contato com esporte, como natação e futebol, me despertou para a vida e com isso, pude “sonhar” com uma realidade diferente no futuro, já que tinha vontade de ser técnico de futebol e também atleta como jogador de futebol. Isso fez com que me dedicasse aos estudos o que me possibilitou novas frentes de comunicação com as pessoas. Estudei um ano em Santa Fé do Sul-SP. Arrumei um emprego de secretário de um advogado. Reencontrei todos os meus amigos e amigas, colegas de infância e adolescência. Eu morava na casa de meu tio Roberto. Esta convivência

foi bastante saudável e alegre, isto fazia com que eu não rendesse muito nos estudos, acabei sendo aprovado a duras penas.

Por interesses financeiros minha família acabou não se mudando para Santa Fé do Sul-SP, e consegui minha transferência para UNESP de Presidente Prudente-SP (1992), desde de que eu concordasse começar todo o curso de novo.

Na UNESP pela própria estrutura da Faculdade, pela sua seriedade e eficiência, comecei a sentir dificuldades em acompanhar os estudos. No terceiro ano fiz apenas três matérias e carregava uma série de matérias em dependências.

Ameacei desistir duas vezes do curso, a minha falta de dedicação aos estudos, acabava com meu ânimo e discriminava a mim mesmo. Quando ia realizar os exercícios em aula, devido as minhas dificuldades, os colegas riam de mim. Isso me fez perceber que os colegas do curso e os próprios professores ignoravam o conhecimento sobre as pessoas deficientes e por falta de informações não entendiam o “porque” de uma pessoa deficiente frequentar um curso que aparentemente é constituída por pessoas normais.

Nessas horas, minha mãe Marta e minha irmã Gislane jogavam bruto comigo, só haveria um meio para eu desistir, era sair de casa, não fazer parte da família.

Meu pai deu-me palavras de incentivo, no sentido de que as pessoas normais sentem uma dificuldade incrível de se integrar à sociedade, imagine você com deficiências quão maiores não serão dificuldades.

Se a sociedade ri por total ignorância de pessoas normais, que dirá então de pessoas deficientes? Só resta uma alternativa, perdoá-la por total falta de compreensão do problema.

A partir desta data, reformulei minhas atitudes, meus atos, meus procedimentos, comecei a perceber que a medida em mostrava mais receptivo, a recíproca tornava-se verdadeira, a ponto de haver uma transformação total. Passei a interessar pelos estudos, os professores, os

colegas passaram a tratar-me com distinção. Na realidade quem mudou fui eu, parei de me autodiscriminar.

Tenho que registrar que nesta mudança contei com grande estímulo do professor Gazabin, que dava aula “História da Educação Física e Atletismo” e hoje é secretário de esportes de Presidente Prudente-SP, o professor Dino que dava aulas, técnicas de atletismo e o biomecânicas, e da Silvia Kfourri, Fonoaudióloga, que me ajudava nas matérias que ia mal das notas, todos me incentivaram e como diz na gíria “me deram a maior força”.

Isto foi preponderante na minha recuperação, passei a ver a vida com outros olhos, o mundo passou ter outra coloração, as pessoas bem mais saudáveis e receptivas, em suma o meu complexo de vítima, de coitadinho estava em baixa... e este foi o segredo da transformação.

No quarto ano da Educação Física conheci o professor Paulo Brancatti que dava aula “Prática de Ensino” e “Estágio supervisionado”, onde eu tinha que fazer estágios, observando o professor na escola que dava aulas de Educação Física.

Reforçou todo o incentivo que vinha recebendo, deu-me novos alentos, despertou-me para várias outras alternativas de participação, de integração. Convidou-me para fazer palestras na Universidade, dizendo que eu era o exemplo vivo da força de vontade. Foi e é um grande Mestre, um Grande Amigo, que jamais esquecerei, devo muito a ele também.

Fiz palestra em outra Faculdade, falei da dificuldade do deficiente e da discriminação. Entretanto, ressaltai, que todos, indistintamente, têm que lutar se quiser alcançar algum lugar ao sol. Que a vida constitui-se em resolver problemas. Que as soluções podem ter falhas, mas que as falhas podem ser corrigidas. O que não podemos é criar problemas impossíveis. E que o único inimigo que temos, quando somos negativistas, pessimistas chama-se “EU”. E que nós não nascemos para ser servidos, e sim para servir.

Levei cinco anos (92 - 96) para terminar a Faculdade de Educação Física, foi uma luta árdua, palavras não expressariam hipótese alguma os seus agradecimentos a todos que colaboraram direta ou

indiretamente, aos meus amigos para que eu conseguisse este extraordinário feito UM DEFICIENTE CONSEGUIE TERMINAR UM CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA NA “UNESP”. Continuarei orando e muito por todos aqueles que me ajudaram.

Vida Profissional

Quando me formei em Educação Física em 1996, conheci alguns profissionais da área em Regente Feijó que me convidaram para arbitrar alguns jogos escolares da região. Tive oportunidade de conversar com a Márcia e disse que gostaria de ministrar aulas na escola, pois sabia que ela estava afastada por conta dos jogos. Orientou-me a inscrever na escola e em seguida assumir suas aulas, como professor substituto.

Os alunos me receberam bem, mas tive alguns problemas com alunos do 3º colegial na aula de Educação Física, pois alguns alunos abriram o extintor de incêndio e isso provocou grande confusão. Chamei a Diretora que tentou resolver o problema. Jamais imaginava ter algum problema desse tipo com alunos. Fiquei chateado, mas alguns professores me deram apoio, dizendo que isso faz parte da vida profissional e que esses problemas acontecem e que o mesmo precisa ser superado.

No mês de agosto, assumi aulas com turmas da 5ª a 8ª série noturno, que realizavam as aulas de Educação Física no período da manhã, duas vezes por semana. No começo só a metade dos alunos apareciam nas aulas. Com muita insistência conseguia a presença dos demais, pois tive apoio dos pais e da própria escola. Fiquei contente e dei aulas até o final de 1997.

Em 1998 estive na atribuição de aulas na Delegacia de Ensino de Regente Feijó, para uma classe de especial para deficientes mentais, pois era professor e estava cursando a Especialização em Educação Especial. Consegui a classe e daí comecei enfrentar várias dificuldades, dentre elas, como alfabetizar uma criança D.M. Achei que não ia dar conta e que não era capaz para essa função, encontrei dificuldades para controlar a classe, pois as vezes, aconteciam brigas entre as crianças o que me deixava preocupado sem saber como superar isso. Tive apoio da Diretora e da Coordenadora da Escola o que facilitou

minha convivência com a classe. Procurei ajuda com os professores e colegas do curso de especialização o que melhorou bastante meus conhecimentos e consegui dar seqüência aos trabalhos com a classe de D.M.

Ainda continuo com dificuldades enormes, mas gradualmente, com ajuda de todos estou vencendo as mesmas.

Finalizando, ser deficiente é uma experiência repleta de problemas e dificuldades, entretanto, como já afirmamos anteriormente, se o acaso não existe, é porque assim teria de ser, então só nos resta uma alternativa: vencer os obstáculos e para tanto precisamos de companheirismo, não basta só a nossa proposição. Em matéria de deficiente, considero-me um privilegiado. Quisera Deus que todos tivessem a mesma sorte que eu.

A todos que participaram da minha vida de deficiente, os meus eternos agradecimentos.